



A Experiência do Rádio na Formação do Narrador de Futebol Televisivo¹

Emmanuel Grubisich Monteiro²

Universidade Norte do Paraná - Unopar

Resumo

Este artigo apresenta o resultado de uma pesquisa qualitativa que examinou a influência do rádio na formação dos narradores de futebol televisivos, os quais iniciaram as carreiras profissionais, atuando naquele meio de comunicação. A metodologia usada foi a entrevista semi-estruturada e foram ouvidos cinco locutores na cidade de São Paulo: Éder Luiz, Milton Leite, André Henning, Silvio Luiz e Jota Junior. Portanto, este artigo se enquadra como pesquisa empírica, com a descrição de evidências por meio de trabalhos de campo.

Palavras-chave

Futebol; rádio; televisão; narração.

Introdução

O rádio é o meio de comunicação mais ágil porque não requer um grande aparato técnico para que uma informação seja veiculada. O profissional radiofônico contata a emissora usando um telefone e relata o ocorrido. Por outro lado, a Internet necessita de um computador para que alguém descreva o fato. A televisão demanda o deslocamento de pessoal para registrar a imagem, e os jornais e revistas são os mais lentos.

O rádio continua sendo um importante meio de comunicação porque proporciona entretenimento e também possibilita às pessoas se informarem e aprenderem, por meio de programas de caráter educativo. Todavia, esse veículo sofreu forte impacto no passado, principalmente em 1950 com o surgimento da televisão. Grande parte dos anunciantes passou a investir na televisão e, junto com eles, migraram os principais

¹ Trabalho apresentado no II Altercom – Jornada de Inovações Midiáticas e Alternativas Comunicacionais.

² Emmanuel Grubisich Monteiro é bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Universidade Norte do Paraná (Unopar), desde dezembro de 2006. Produziu este artigo, com base em seu Trabalho de Conclusão de Curso, de dezembro de 2006: “A importância do rádio na formação do narrador de futebol televisivo”, com nota 10,0 conferida pela banca examinadora, e com orientação do professor Gerson Bem Hur Gogel. Endereço eletrônico para contato: emmanuel_monteiro@hotmail.com

profissionais radiofônicos. Por essa razão, muitos acreditaram que o rádio fosse desaparecer. Uma alternativa encontrada foi a de investir na presença do repórter na rua, fornecendo informação ao vivo: as notícias e a prestação de serviços passaram a receber mais atenção por parte das rádios.

Outro fator que também contribui com a sobrevivência do rádio é a narração das partidas de futebol. Esse esporte é irradiado em nosso país há 75 anos – a primeira transmissão aconteceu em julho de 1931 - enquanto outros gêneros que fizeram sucesso nessa mesma época, como o radioteatro, a radionovela, os humorísticos, os de auditório e os musicais, estão extintos. O rádio envolve o ouvinte e permite que ele crie, de acordo com Ortriwano (1985, p.80), “um ‘diálogo mental’ com o emissor”. No caso do futebol, a narrativa possibilita ao espectador imaginar o “espetáculo”, ao contrário da televisão que, por dispor da imagem, não estimula essa recriação mental da partida. A autora destaca ainda um comportamento do público que evidencia a preferência pela narração radiofônica. “Na hora do futebol, muitos torcedores preferem unir a imagem da televisão com a narração do rádio”.

Tanto o rádio quanto a televisão sempre procuraram conquistar a atenção do público. Desde o momento inicial da televisão, no Brasil, esse meio de comunicação veiculou o futebol em sua grade de programação e procurou contratar os melhores ou mais importantes narradores esportivos que iniciaram suas carreiras atuando no rádio. Esse processo acontece há 56 anos, quando a TV Tupi, de São Paulo, realizou a primeira transmissão dessa modalidade esportiva em nosso país: Portuguesa de Desportos 3x1 Palmeiras. Desde então, diversos locutores futebolísticos trocaram o rádio pela televisão.

A História da Locução Futebolística no Brasil

O paulista Nicolau Tuma foi o pioneiro das irradiações de futebol no Brasil, pela Rádio Sociedade Educadora Paulista. Até aquele momento, as emissoras telefonavam para os clubes ou entidades organizadoras dos campeonatos para obter as informações sobre os jogos e depois anunciavam os resultados. Em relação à primeira irradiação desse esporte, em 19 de julho de 1931, vale destacar que Nicolau Tuma, pouco antes do início do jogo, esteve nos vestiários das equipes, com o intuito de memorizar as características



físicas de cada atleta, porque até então, não havia numeração nas camisas dos jogadores. Naquela época o locutor atuava sozinho, sem a presença de repórteres ou comentaristas. Por essa razão, Tuma improvisou e narrou das arquibancadas, próximo aos torcedores.

Como a publicidade oficial só foi regulamentada no ano seguinte, o espaço não preenchido pelos anúncios era substituído pelo narrador, que tinha de falar sozinho todo o primeiro e o segundo tempos. Assim sendo, Nicolau Tuma precisou criar um estilo, pois ninguém havia realizado uma narração na qual ele pudesse ter se inspirado. Soares (1994, p.30) ressalta que ele optou por uma descrição fotográfica, a fim de dar ao ouvinte a imagem exata do campo e do jogo. “Determinado a cumprir a decisão de filmar oralmente o jogo, o locutor é obrigado a narrar em alta velocidade, enunciando os detalhes como uma metralhadora de palavras”. Nicolau Tuma ficou conhecido como “Speaker Metralhadora”, por pronunciar até 250 palavras por minuto.

Já o responsável pela irradiação pioneira no estado do Rio de Janeiro foi o locutor esportivo Amador Santos, pela Rádio Clube do Brasil. Soares (2006) afirma que os cariocas descreviam o lance pausadamente, ao contrário dos paulistas, que apresentavam narrações com mais rápidas. Naquele período, a tecnologia, como é conhecida atualmente, estava distante dos radialistas, e as irradiações eram realizadas pelo telefone.

Já no início da década de 1930, os locutores de futebol começaram a passar o microfone para os profissionais dos jornais para perguntar a opinião deles sobre a partida. Com o passar dos anos, esse procedimento se modificou, até surgirem os comentaristas do jogo e os de arbitragem, além dos repórteres de campo e os plantonistas.

Em 1933, dirigentes dos clubes de futebol de São Paulo alegaram que as transmissões radiofônicas diminuam o público nos estádios paulistas. No ano seguinte, as rádios estavam proibidas de entrar nos locais dos jogos. Entretanto, a exclusividade dos direitos de transmissão em São Paulo foi concedida à Rádio Cruzeiro do Sul. De acordo com Cardoso e Rockmann (2005), Alberto Byington, dono da Cruzeiro do Sul e do comércio de material de iluminação, ofereceu aos clubes, iluminar todos os estádios de futebol de São Paulo a preços reduzidos, em troca da exclusividade de transmissão. Contudo, a proibição imposta às outras emissoras não impediu que, alguns narradores

realizassem a irradiação, do alto de escadas posicionadas ao lado do campo, de cima do telhado de alguma casa vizinha ao estádio, ou mesmo com a utilização de binóculos.

A criatividade dos locutores esportivos não pára por aí. Como esses profissionais costumavam narrar das arquibancadas, em alguns momentos, o barulho da torcida era ensurdecedor, principalmente quando ocorria um gol. Por essa razão, o mineiro Ari Barroso, maestro de renome e também narrador de futebol, teve a idéia de tocar uma gaita toda vez que algum time marcava um gol.

Ortriwano (op. cit.) destaca que as irradiações esportivas contribuíram para o desenvolvimento do jornalismo radiofônico porque os equipamentos necessários para a realização das transmissões das partidas foram aperfeiçoados e a qualidade do áudio recebido começou a melhorar. A primeira transmissão internacional de futebol para o nosso país aconteceu em dezembro de 1936, durante o Campeonato Sul-Americano, disputado na Argentina. Já a primeira partida intercontinental irradiada para o Brasil, ocorreu durante a Copa do Mundo de 1938. Naquela época, o povo se aglomerava nas praças dos principais centros do país e acompanhava as locuções por meio de alto-falantes.

Guerra (2006) comenta a identificação do povo com o narrador de futebol:

É interessante observar que o narrador do jogo logo caiu no gosto do povo brasileiro. Fascinou e se incorporou ao próprio jogo, permitindo retomar o papel do contador de histórias, mantendo-o como relator das emoções, de dramas, alegrias, vitórias e derrotas (GUERRA, 2006, p.1).

O rádio reinou soberano até 1950, com a chegada ao Brasil, de um novo meio de comunicação: a televisão. A sua programação, ao longo dos primeiros anos, da mesma forma como aconteceu com o rádio, também foi direcionada à elite, por causa do elevado custo dos aparelhos, que eram importados. Grande parte das empresas que investiam no rádio considerou ser mais vantajoso aplicar os recursos em anúncios na televisão. Sendo assim, os principais profissionais de rádio migraram para a televisão, entre eles, alguns locutores esportivos. De acordo com Cardoso e Rockmann (op. cit.), os produtores e técnicos acabavam enlouquecidos porque a maioria dos funcionários da televisão veio do rádio e trouxe consigo a linguagem radiofônica. Desta forma, não estavam adaptados à televisão e ao seu principal produto: a imagem.

Alguns locutores de rádio costumavam supervalorizar ou inventar determinados lances a fim de manter o ouvinte sintonizado na emissora na qual eles trabalhavam. Entretanto, o início das transmissões de futebol pela televisão fez com que os locutores de rádio fossem mais fiéis na descrição das jogadas, porque, já naquele momento, algumas pessoas assistiam à partida com o volume do televisor baixo e ouviam pelo rádio. Como mencionado, com o surgimento das transmissões pela televisão, diversos locutores migraram do rádio para esse novo meio de comunicação. Aurélio Campos, Ari Barroso, Raul Tabajara, Walter Abrahão, Raul Longras e Geraldo José de Almeida, entre outros, são alguns desses exemplos. Com o tempo, outros narradores trocaram o veículo no qual atuavam.

Soares (1994, p.106) afirma que os locutores vindos do rádio não tinham ainda criado uma linguagem própria. Alguns desses profissionais levaram consigo a agilidade de narração que realizavam no antigo veículo e poucos conseguiram se adaptar. A autora comenta a participação de Geraldo José de Almeida na televisão: “Dono de uma grande capacidade de comunicação, conseguiu adaptar-se à linguagem da TV e foi um dos poucos narradores do radiojornalismo esportivo a dar certo no novo meio de comunicação”.

A autora relata ainda um confronto direto entre rádio e televisão durante a Copa do Mundo de 1982. “Persistia a situação de inferioridade da narração na TV”. A TV Globo adquiriu os direitos exclusivos de transmissão desse evento, nesse meio de comunicação, para o Brasil. Nesse mundial, o narrador titular dessa emissora foi Luciano do Valle. A autora afirma que a venda de publicidade foi um sucesso. Por outro lado, a direção da TV Record comprou as cotas para a Rádio Record e requisitou que o narrador de televisão, Silvio Luiz, realizasse as locuções. Naquele momento, nas transmissões de futebol, a TV Record era a maior concorrente da TV Globo, principalmente “porque Silvio Luiz introduzira uma série de bordões durante a narração, diferenciando-a do tom burocrático dos locutores da Globo” (SOARES, 1994, p.107). A Rádio Record investiu na campanha publicitária “Veja a Copa na TV, mas ouça com o coração... na Record”. A autora comenta uma matéria da revista *Veja*, na qual, relata que a Rádio Record conseguiu nos dois primeiros jogos, uma audiência no mínimo três vezes maior do que qualquer outra estação radiofônica de São Paulo, por causa do estilo

irreverente de Silvio Luiz. Já a TV Globo obteve sucesso, apesar dos erros apontados por Queiroz (1982).

[...] a falta de imaginação para suprir um pouco as deficiências da imagem resultava muitas vezes em uma narração monótona e repetitiva [...] É bem verdade que o sucesso financeiro foi absoluto, com a audiência ultrapassando os 92 pontos, mas em Copa do Mundo isso não significa referendar a qualidade do que é mostrado. A prova disso foi a surpreendente resposta obtida pelas rádios que cobriram os jogos na Espanha. Teve muita, mas muita gente mesmo, que andou abaixando o som da TV para ouvir o radinho, e não foi só na Record, não (QUEIROZ, 1982, p.20 apud SOARES, 1994, p.107).

Esse fato nos mostra que, os empresários de comunicação têm consciência da importância da imagem na transmissão do futebol. Por essa razão, os diretores da Record lançaram a campanha “Veja a Copa na TV, mas ouça com o coração... na Record”. A TV Globo liderou a disputa pela audiência, mas muitas pessoas acompanharam simultaneamente os jogos pelo televisor e com o áudio do rádio. Com base na citação anterior de Queiroz, fica claro que o narrador de televisão deve ter imaginação e criatividade suficiente para não ficar dependente da imagem veiculada, a fim de não repetir algo que já está sendo mostrado.

Knoeller (2002) descreve a forma diferenciada de atuação do narrador esportivo Silvio Luiz e como ele rompeu com os padrões de sua época:

A bola deixava de ser ‘vigiada’ por todo o tempo. Silvio Luiz abandonava o, até então, único modo de se transmitir futebol, e finalmente libertava a imagem na televisão, percebendo o que era evidente: o telespectador estava vendo o que ocorria. Não era preciso dizer o que ele já sabia. [...] Em vez de narrar o óbvio, ele ia além, ampliava os limites da tela, cantando o lance seguinte [...] exatamente como um torcedor na arquibancada (KNOELLER, 2002, p.133).

Ao longo da história das transmissões de futebol no Brasil, as rádios evoluíram, no sentido de valorizar outros aspectos na transmissão, a fim de facilitar o trabalho do narrador. No início, o locutor narrava sozinho e não podia deixar que o silêncio dispersasse o ouvinte. Atualmente, essa técnica foi aprimorada, dispondo de uma equipe de repórteres, redatores, comentaristas, técnicos e radioescutas, além dos efeitos de som.

Para Ortriwano (op. cit., p.26-27), as narrações radiofônicas permitem uma criação poderosa de “imagens mentais”, a ponto de ser muito mais emocionante acompanhar as transmissões de futebol pelo rádio do que ver o jogo no estádio e complementa que o torcedor vai ao estádio acompanhado de seu “radinho”, ou assiste à imagem da televisão, ouvindo a locução de rádio.



Esse locutor descreve, à sua maneira, os movimentos dos jogadores e da bola, e o ouvinte visualiza mentalmente a partida, de acordo com o que absorve da descrição do narrador esportivo. O que poderia ser apenas um jogo de futebol se transforma em um espetáculo. “A narração do jogo é o centro do espetáculo proporcionado pelo rádio esportivo” (SOARES, 1994, p.61).

Inovações tecnológicas e de linguagem contribuíram para que o rádio sobrevivesse e demonstrasse a sua força, mesmo com a presença da imagem da televisão. Cada narrador optou por um estilo de atuar, seja mais lento, ou mais vibrante. As transmissões do futebol evoluíram, mas a maneira de narração detalhada e veloz de Nicolau Tuma foi adotada por diversos profissionais.

Em relação à TV, no início, a sua entrada nos estádios era livre, a câmera era pesada e lenta, sem acompanhar adequadamente a trajetória da bola, e os locutores em grande parte vieram do rádio e trouxeram consigo a mesma linguagem radiofônica. Com o passar do tempo, câmeras mais modernas foram desenvolvidas, e a maneira mais cadenciada de narração passou a ser utilizada.

O futebol é exibido diariamente, seja em programas esportivos ou nos jogos. Um dos motivos das partidas se transformarem em espetáculos são os locutores esportivos de rádio e os de televisão. Esses narradores contribuíram com a paixão do brasileiro pelo futebol. “A narração foi assimilada culturalmente. Assim como o futebol tem significado muito importante na formação de nossa identidade cultural, o narrador esportivo aparece como porta-voz desta manifestação” (MENDES, 2006). Ao longo desses 75 anos de transmissões pelo rádio, milhões de torcedores puderam ouvir e em alguns momentos, “ver” uma partida de futebol. A televisão e seus narradores futebolísticos também têm a sua importância, porque permitem a todos, enxergar o que realmente acontece na disputa nos gramados.

A Importância do Rádio na Formação do Narrador de Futebol Televisivo

O objeto de estudo da pesquisa que resulta nesse artigo é a contribuição do rádio na formação dos narradores de futebol televisivos.



De conformidade com o tema, fez-se necessário estabelecer uma metodologia que atendesse aos objetivos propostos na investigação. Dessa forma, adotou-se uma análise qualitativa e utilizou-se a entrevista semi-estruturada como método de pesquisa.

Este estudo foi feito com base nas entrevistas realizadas entre os dias 26 de setembro e 10 de outubro de 2006, na cidade de São Paulo. Os entrevistados foram cinco narradores de futebol televisivo, os quais tiveram experiência no rádio: Éder Luiz, Milton Leite, André Henning, Silvio Luiz e Jota Junior, sendo que, Éder Luiz e André Henning narram no rádio e na televisão.

Éder Luiz nasceu em Santa Cruz do Rio Pardo – SP. Trabalhou nas Rádios: Difusora, em Santa Cruz do Rio Pardo; Verinha e Rádio Clube, ambas em Marília; Itaipu; depois, em São Paulo, nas Rádios: Bandeirantes, durante quatorze anos; Capital; Bandeirantes FM; e está há sete anos na Transamérica FM, onde comanda o departamento esportivo. Iniciou sua carreira na televisão há quatro anos. A princípio, atuou na Rede TV, depois na Rede Bandeirantes e está há um ano na Rede Record.

Milton Leite nasceu na cidade de São Paulo. Começou no rádio em 1979 e, segundo seu depoimento, por volta de 1981 passou a narrar futebol. Atuou como locutor desse esporte nas Rádios: Difusora e Cidade, ambas em Jundiaí. Em 1989 se transferiu para a TV Jovem Pan, depois trabalhou durante dez anos na ESPN Brasil, e em abril de 2005 ingressou no SporTV, em São Paulo.

André Henning nasceu em Guarulhos - SP. Começou a carreira na antiga Rádio Cidade (atual Metrópole), em Salvador; depois migrou para a Rádio Bandeirantes FM, em São Paulo, onde foi repórter e plantonista. Em 2001 passou a trabalhar na Rádio Transamérica FM, também na capital paulista. Nessa emissora, começou a narrar competições automobilísticas de Fórmula 1 e vôlei em 2001. O contato com as locuções de futebol aconteceu em 2004. Na televisão, trabalhou na CNT, em Salvador e no NGT, em São Paulo, onde, em 2006, passou a ser locutor de futebol. Atualmente é narrador, comentarista e repórter esportivo na Rede de Rádio Transamérica FM, e locutor de futebol na TV Cultura e na Rede Bandeirantes de Televisão.

Silvio Luiz, apesar de ter obtido mais destaque na televisão do que no rádio, realizou as primeiras locuções de futebol na Rádio Guarujá, em 1958, onde gerenciou a emissora.

Atualmente, trabalha na Rede Bandeirantes de Rádio e Televisão. Narra na televisão e atua como comentarista no rádio. Entretanto, Silvio Luiz prefere ser identificado como jornalista esportivo.

Jota Junior nasceu em Americana – SP. Trabalhou no rádio, em jornal impresso e também na televisão. Começou a ser locutor de futebol em seu primeiro ano como profissional de rádio, em 1969. Nesse meio de comunicação exerceu as funções de redator e apresentador de programa esportivo, teve uma breve passagem como repórter de campo, narrou esportes e foi coordenador de rádio. Jota Junior atuou nas Rádios: Clube, em Americana; Brasil, em Campinas; em São Paulo, na Rádio e na TV Gazeta; na Rádio e TV Bandeirantes, e desde 1999 está no SporTV, na capital paulista.

Cabe mencionar que todos os narradores entrevistados começaram a realizar locuções esportivas no rádio. Entretanto, devemos mencionar que Silvio Luiz é o único, entre eles, que teve poucas experiências como locutor de rádio. Ele obteve mais destaque na narração televisiva, pois a maior parte de sua carreira foi nesse meio de comunicação. Por essa razão, as questões sobre o que cada narrador “levou” do rádio para a televisão na forma de atuar, e o que cada um mudou na maneira de narrar, ao trocar de veículo, não foram feitas para Silvio Luiz. Contudo, os demais responderam que a capacidade de improvisar é o principal artifício aproveitado por eles na televisão.

Éder Luiz destaca que o profissional de rádio leva muita coisa benéfica para a execução do trabalho na televisão, como por exemplo, essa capacidade de improvisação. Entretanto, para ele, não significa que quem realiza bem o trabalho no rádio, faça bem televisão. “Quando você vai para a televisão, você tem que trazer muita coisa do rádio, mas procura se adaptar a uma nova linguagem, que o time (tempo) da televisão é diferente do time do rádio, mas ele é uma base fundamental”. Éder Luiz veio a descobrir que a linguagem da televisão era diferente da do rádio ao atuar no novo veículo. Ele enfatiza que o rádio gerou para a televisão, excelentes profissionais, como Cléber Machado, Luciano do Valle, Galvão Bueno, Geraldo José de Almeida e Silvio Luiz.

Milton Leite aponta que, além da capacidade de improvisação, ele levou do rádio para a televisão, “uma espontaneidade, uma alegria, uma coisa de brincar com as pessoas, de brincar com a imaginação das pessoas”.

André Henning destaca que o improviso é a principal “arma” adquirida por ele em seu trabalho no rádio, principalmente porque às vezes cai o sinal de algum jogo no qual ele está narrando na televisão e ele tem que segurar a transmissão. Para ele, de uma maneira geral, os profissionais de televisão que não atuaram no rádio têm mais dificuldade em situações como essa, mas existem exceções. Henning enaltece a importância do rádio:

Ele te dá uma coisa de dia-a-dia, de pauleira, de experiências diferentes [...] de situações, de técnico que não quer falar com a imprensa e de jogo que cai a energia e de coisas que a gente vive no rádio que a televisão nem transmite, nem está transmitindo o jogo e no rádio a gente está e traz bagagem.

Jota Junior, assim como André Henning, afirma que, quando acontece algum problema durante a transmissão de televisão, é necessário que o locutor preencha o restante do tempo e resgate a herança do rádio, com a “improvisação, a versatilidade, o conhecimento do produto que você está tratando”. Jota Junior enfatiza que é preciso estudar a transmissão, ter informações, como algum dado histórico, referência a determinado jogador, treinador, ou algo sobre o estádio. “O rádio traz isso. Ele faz com que você leve para a televisão essa gama de informações e a improvisação, a agilidade de raciocínio”.

Em relação à questão sobre o que cada locutor mudou na forma de narrar quando se transferiu do rádio para a televisão, Éder Luiz afirma que continuou atuando pelo rádio quando começou a narrar pela televisão. “Eu dirijo o esporte da Rede Transamérica. Então, quer dizer, eu tenho ainda a necessidade de continuar atuando no rádio, não com a mesma frequência daquele momento anterior, mas continuo narrando”. Ele se adaptou ao veículo pouco a pouco. O que ele buscou fazer ao narrar na televisão foi procurar não traduzir coisas óbvias para quem acompanha o jogo por esse meio de comunicação.

Existem determinados vícios que você traz do rádio e que você vai conseguindo dominá-los na medida em que você vai fazendo o novo veículo e entendendo. [...] Quando eu comecei a transmitir na televisão, eu até recebi a solicitação para que eu fizesse uma transmissão emocionante, até numa linha radiofônica, porque era um diferencial, mas numa sequência você vai observando que você tem que se adequar ao veículo, pouco a pouco. Você tem que chegar na linguagem ideal.

Éder Luiz destaca ainda o trabalho do locutor no rádio, o qual deve levar emoção ao ouvinte porque este não está vendo o jogo, e por essa razão, o narrador passa a ser os “olhos daquela pessoa” enquanto que na televisão, o locutor assiste o jogo com o telespectador. Portanto, ele procura ser um bom companheiro de quem acompanha o futebol, fazendo uma transmissão mais tranquila na televisão do que no rádio.

O narrador esportivo Milton Leite comenta que o locutor de futebol, no rádio, tem que narrar de forma semelhante a uma metralhadora para poder descrever tudo o que acontece durante a partida. Já o narrador na televisão conta com a presença da imagem. Milton Leite acredita que a “principal dificuldade e a principal característica de quem troca de veículo e vai para a televisão, é perceber que ela é uma outra linguagem e que nada é mais forte do que a imagem que ela está mostrando”. Por essa razão, ele precisa ser um complemento dessa imagem, a fim de não dizer coisas óbvias. Ele deve chamar a atenção do telespectador para alguma coisa que está na imagem, mas não em primeiro plano, ou trazer informações sobre os personagens envolvidos no jogo. “Então, eu acho que o narrador é muito mais esse que vai costurando uma sequência de imagens e tentando atrair a atenção de quem está em casa assistindo”.

André Henning destaca que, o mais gritante que o narrador de rádio que migra para a televisão tem que fazer, é modificar a velocidade de narração. Ele não pode usar e abusar da criatividade porque muitas pessoas estão vendo o jogo, ao contrário do que normalmente acontece no rádio. Henning afirma que o locutor esportivo de televisão tem que saber trabalhar com a imagem e saber mexer com o replay, como por exemplo: “Olha, está vendo aí a repetição. Oh, você vê aí no detalhe. A falta aconteceu mesmo, ou não aconteceu”. Segundo ele, o narrador pode ser criativo, mas não tanto, ou seja, deve ser ponderado.

O narrador esportivo de rádio que migra para a televisão e continua a realizar as suas narrações da mesma forma ágil, pode encontrar alguns problemas, de acordo com o locutor e comentarista esportivo Jota Junior. Para ele, o narrador de futebol na televisão tem que se submeter à imagem, principal recurso desse veículo, e a agilidade de narração “não soa bem, não há o casamento da velocidade de uma narração com o veículo televisão”. Jota Junior realça como deve ser a atuação do locutor em relação à linguagem televisiva:

Você não pode ser mais importante do que a imagem num jogo de futebol. [...] se quiser ser mais importante, ou você é brilhante, e vai ser realmente mais importante do que a imagem, o que eu acho muito difícil, ou [...] vai ferir a linguagem da televisão, o time da televisão e você vai esbarrar no ridículo.

Os entrevistados também comentaram a importância do rádio em suas carreiras. Éder Luiz exalta que esse veículo foi tudo em sua carreira, desde a construção dela, no momento inicial, aos treze anos de idade. O rádio é importante para Éder Luiz, porque

ele conhece a parte estrutural para uma transmissão, tem conhecimento sobre o aspecto técnico, artístico e comercial de uma emissora. “Então eu, ao longo desses anos todos, não me especializei num segmento específico de rádio e isso acabou me proporcionando inclusive a geração de conteúdo esportivo”. Éder Luiz ressalta a relevância desse veículo de comunicação para ele:

Eu acho que toda essa experiência que adquiri em minha vida, como profissional de comunicação, eu devo ao rádio, porque foi a base para todos os movimentos que vieram na sequência da minha carreira. Eu devo muito ao rádio.

Para Milton Leite, o rádio foi fundamental em sua formação como jornalista porque deu a ele uma capacidade de improvisação e o obrigou a estudar muito, porque ele atuou em outras áreas do jornalismo, além do esporte. Ele considera que “a grande característica do rádio para quem o faz desde cedo e até antes da televisão é a capacidade de improviso. O rádio te obriga a improvisar o tempo todo”.

André Henning lembra que iniciou a carreira em uma emissora fora de São Paulo, na qual acabou tendo que fazer de tudo e ressalta que gostava e continua gostando muito de rádio. Comenta ainda que apresentou jornal quando o âncora não estava e foi locutor de FM e enaltece o papel do rádio em sua vida:

Basicamente era assim: faltava alguém, ‘André, vai lá e faz’. Isso foi muito importante para mim porque até hoje é assim. Aqui na rádio eu narro, apresento, faço reportagem. Quando o comentarista falta ao programa, eu venho e comento. O que precisar eu faço [...] Estou iniciando uma carreira na televisão, mas eu nunca vou deixar de ressaltar a importância do rádio. O rádio me deu tudo o que eu tenho até hoje na vida, foi o rádio que me deu.

Jota Junior relata que começou a trabalhar no rádio por causa de sua identificação com esse meio de comunicação, o qual ouvia desde criança, e porque gostava de falar nesse veículo. O narrador esportivo comenta que, em um momento inicial, ingressou no rádio porque queria ser famoso, e acredita que muitos outros profissionais também pensem dessa forma. Contudo, ele foi percebendo que a responsabilidade era grande e que o trabalho deveria ser levado a sério. Jota Junior enaltece a importância do rádio em sua carreira e também em sua vida:

Para mim foi muito importante porque eu cresci. Eu cresci pessoalmente, cresci graças a Deus, profissionalmente. Eu cresci em termos de família, de relacionamento com as pessoas. Aprendi a respeitar as pessoas que ouvem o rádio. Para mim foi tudo. O rádio para mim foi tudo.

Por outro lado, Silvio Luiz afirma que o rádio não teve importância em sua carreira como locutor porque ele narrava de “sacanagem” na Rádio Guarujá, em 1958, no momento em que a emissora precisava de um locutor e também quando não tinha

dinheiro para comprar uma linha de transmissão. Ele ouvia as narrações do Edson Leite e realizava a transmissão baseado no que ele ouvia. “Eu ia para o banheiro e ficava ouvindo o Edson Leite porque, pela facilidade de ouvir o Edson transmitir, pela lentidão que ele transmitia”. Cabe lembrar que Silvio Luiz realizou as primeiras narrações de sua carreira, no rádio. Contudo, a quantidade de jogos irradiados por ele parece não ter sido suficiente para que houvesse alguma contribuição com a sua vida profissional.

Vale destacar que grande parte dos narradores de futebol de televisão começou a carreira realizando locução no rádio e trouxe consigo a maneira veloz e emocionante de narrar. Entretanto, como constatado na literatura e nas entrevistas, um período de adaptação foi necessário para que esses profissionais se adequassem à linguagem mais cadenciada da televisão. Com o passar dos anos, esses locutores perceberam que deveriam trabalhar em função da imagem veiculada, sendo mais informativos do que descritivos como atuavam no rádio. Contudo, isso não significa que o narrador de rádio que troca de veículo será um bom profissional na televisão, mas a capacidade de improvisação adquirida no rádio é um ponto-chave. O que todos os narradores que vão para a televisão precisam é aprender a relacionar-se com a imagem, realizando uma transmissão mais ilustrativa e informativa, ao contrário da precisão e da descrição, ponto a ponto, como acontece no rádio.

Além disso, podemos inferir que tanto o rádio quanto à televisão têm importância fundamental para as pessoas que ouvem uma partida de futebol pelo rádio ou assistem pela televisão, principalmente, quando se trata de uma parcela da população que apresenta algum tipo de deficiência, seja visual ou auditiva. Nestes casos, ambos possuem igual relevância para o torcedor. As pessoas portadoras de deficiência visual podem acompanhar o jogo pelo rádio, enquanto os portadores de deficiência auditiva visualizam a imagem da televisão.

O rádio é um princípio importante para os então narradores de televisão porque possibilita que esses profissionais desenvolvam a capacidade de improvisação, uma agilidade de raciocínio e a versatilidade. No rádio, é necessário que o locutor narre num ritmo frenético, a fim de não dispersar a atenção do ouvinte. Também por esse motivo, esses profissionais acabam aperfeiçoando as características citadas anteriormente. No rádio, o locutor enfrenta e tem de superar, da mesma forma que na televisão, algumas dificuldades, como por exemplo, quando cai o sinal da transmissão. Por essa razão, o

narrador radiofônico precisa preencher o espaço que fica em aberto e acaba por desenvolver a habilidade do improviso.

A exceção entre os cinco narradores de futebol televisivo, que iniciaram as carreiras no rádio, e que não considera que esse meio de comunicação tenha tido importância em sua carreira, foi Silvio Luiz. Ele destaca que realizou poucas locuções no rádio. Todos os outros participaram ativamente nesse veículo e isso contribuiu com a formação profissional dos entrevistados.

Portanto, podemos afirmar que o rádio é importante para o narrador de futebol televisivo, desde que este tenha participado ativamente, narrando naquele meio de comunicação. Fica claro que essa experiência adquirida por meio do rádio, de um modo geral, desenvolve as qualidades construtivas desses profissionais. Isto, por sua vez, lhe confere mais desenvoltura em sua carreira, oriunda da necessidade já citada de, a bem dizer, ser “os olhos do ouvinte”, enquanto narrador de rádio. Vale destacar que, a bibliografia existente nada menciona sobre a importância do rádio na formação dos narradores televisivos. A literatura consultada abordou somente que diversos locutores, ao longo do tempo, passaram a atuar na televisão.

Também com base nas entrevistas, é válido enaltecer para os locutores de futebol que atuam no rádio, e que pretendem atuar na televisão, que levem consigo essa agilidade de raciocínio, a capacidade de improvisação e a versatilidade. Evidentemente, será necessária uma adaptação à linguagem mais cadenciada na televisão. Mas o esforço e a determinação farão dele um excelente profissional. Mais do que isso: ele terá como gratificante recompensa o carisma e o companheirismo dos torcedores que acompanham a transmissão televisiva.

Referências bibliográficas

CARDOSO, Tom; ROCKMANN, Roberto. *O marechal da vitória: uma história de rádio, TV e futebol*. São Paulo: A Girafa, 2005. 365 p.

GUERRA, Márcio de Oliveira. *Rádio x televisão: o jogo da narração: a imaginação entra em campo e seduz o torcedor*. In: ENCONTRO DOS NÚCLEOS DE PESQUISA DA INTERCOM, 4., 2004. Porto Alegre. Anais... Disponível em: <<http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/18303/1/R0183-1.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2006.



KNOELLER, Wagner Willian. *Silvio Luiz: Olho no lance*. São Paulo: Nova Cultural. 2002. 320 p.

MENDES, Jairo Faria. *Transmissão esportiva e o espetáculo do rádio*. Disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/jd200499.htm>>. Acesso em: 31 jul. 2006.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. *A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos*. São Paulo: Summus, 1985. 117 p.

SOARES, Bento. *Vendo o jogo pelo rádio: memórias da imprensa esportiva brasileira*. João Pessoa: Idéia, 2006. 473 p.

SOARES, Edileuza. *A bola no ar, o rádio esportivo em São Paulo*. São Paulo: Summus, 1994. 113 p.